II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES
Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares
28, 29 e 30 de abril de 2011
MARINGÁ - PR
UEM Universidade Estadual de Maringá
ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

GAROTAS, HOMOSSEXUALIDADES E ESCOLA: É POSSÍVEL "SER" ... CONTANTO QUE "NÃO SE DIGA"

CAVALEIRO, Maria Cristina[1]

Introdução

O que ocorre com as estudantes que descobrem em si mesmo o desejo afetivo e/ou sexual por outra (s) garota(s)? Esta foi a indagação central de minha pesquisa, que examinou os modos pelos quais garotas elaboram suas experiências, como vivenciam as interações, a sociabilidade e constroem suas identidades no ambiente escolar[2]. Na investigação empírica, diversos métodos foram utilizados para coleta de dados, tais como observações, questionários e entrevistas, envolvendo estudantes e profissionais da educação. As análises evidenciaram arranjos sutis que se operavam no ambiente escolar, por meio do policiamento de gênero (BORRILLO, 2001) e da heteronormatividade (BUTLER, 20003; RICH, 1986), visando a garantia de um cotidiano "quase inteiramente heterossexual". Tratou-se, afinal, da discussão da homofobia desvelada em relação às garotas.

De acordo com Borrillo (2001), a homofobia expressa o ódio, a repulsa e a aversão, hierarquizando vidas. Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o anti-semitismo, a homofobia é manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como o contrário, inferior ou anormal, pautada em prejulgamentos e ignorâncias que consistem em acreditar na supremacia da heterossexualidade[3].

Um ato de homofobia fere; contudo, seus efeitos vão além da dor. Eles determinam lugares e posições para uma vida, reafirmando, no campo da norma, o lugar dos sujeitos na posição de impensáveis, na ordem do precário e do desprezível. Um ato de homofobia carrega, sobretudo, a pretensão da desumanização do outro, através de palavras, gestos e

---

[1] Professora do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Norte do Paraná/ UENP/ Campus Cornélio Procópio.

[2] As reflexões deste artigo fazem parte da pesquisa de doutorado, realizada em escola pública estadual de ensino médio na cidade de São Paulo.

[3] Em consonância com Daniel Borrillo (2001), a homofobia representa todas as formas de desqualificação e violência dirigidas a todas e todos que não correspondem ao ideal normativo de sexualidade. Nesse sentido, mantenho a expressão para demonstrar diferentes formas de discriminação e outras violências contra as garotas cujas identidades não se conformam às convenções de gênero e à orientação sexual auto-percepcionada que difere da heterossexual.

condutas (BORRILLO, 2001). Nesse sentido, no que diz respeito às garotas, a coação peremptória, dissimulação e ocultação são atos de homofobia. Inúmeras estratégias que não se limitam a constatar uma diferença: elas interpretam e tiram suas conclusões materiais, impedindo que as garotas tenham acesso a construção do respeito de si e a consciência de seus direitos, como, por exemplo, o da liberdade de expressão.

Coação peremptória, dissimulação e ocultação: é possível "ser" homossexual... Contanto que "não se diga"

> *Será que elas estão preparadas para isso, será que é isso que querem? [...] isso é outro lado que aparece na televisão e tudo vai acontecendo ["...] como naquela novela quando uma menina se apaixonou por outra (menina)". (Professora).*

Em vários momentos, durante o período de realização da pesquisa, chamou-me a atenção a recorrente indagação sobre "como ensinar na escola sobre a existência da homossexualidade?" Sem dúvida, tal pergunta supõe certo avanço no que diz respeito a idéia que ignora por completo a possibilidade da homossexualidade. Igualmente, pude perceber entre professores/as e outros profissionais que participaram da investigação, tanto o questionamento às generalizações preconceituosas, quanto a crença na possibilidade, necessidade e validade de lutar contra o preconceito no ambiente escolar.

Contudo, em meio a uma sinergia de discursos, na tônica das discussões, ensinar sobre a existência da homossexualidade, também figurava como algo que possibilitasse "proteger os/as estudantes da homossexualidade", revelando atitudes e reações que expressam crenças cristalizadas. Contribuindo com tais atitudes, figurava a compreensão da homossexualidade como "uma etapa ou fase", justificada pelo argumento que "as meninas têm mais confiança, comodidade e segurança ao expressar seus sentimentos a uma pessoa do mesmo sexo". Frente aos riscos da "confusão" entre proximidade e desejo sexual, também estava presente o alerta, inscrito no fragmento em epígrafe, para alguns "perigos", incluindo-se como exemplo, imagem veiculada na mídia televisiva.

Não foram relembrados os exemplos da maioria das imagens deploráveis e caricaturais (veiculados pela mídia) quando esta expõe ao rechaço e ridiculariza cotidianamente a homossexualidade e/ou aqueles e aquelas que não se conformam aos padrões vigentes de gênero e sexualidade. Tampouco tais argumentos deixavam perceber que entendiam como possível a existência da "heterossexualidade transitória".

Assim, se é importante pensar como ensinar sobre a existência da homossexualidade, como bem observa Deborah Britzman (1996), há contextos que carregam discursos de "proteção" que criam vulnerabilidades, nos quais a ignorância circula camuflada na forma de "conhecimento". A esse respeito, é importante considerar que os jovens e as jovens descubram e experimentem novas formas de relacionamento. Afinal, não há discordância que tanto "ser homossexual", quanto "ser heterossexual" podem ser "fases", alinhando-se com a idéia de "ser ou estar homossexual" (HEILBORN, 1996).

Uma lógica importante para ampliar a descoberta de novas formas de viver a sexualidade, o que implica reconhecer a possibilidade de descompasso entre identidade, desejo/ atração e comportamentos (práticas) sexuais, que se adota sob o prisma de orientação sexual. Portanto, é compreensível que a homossexualidade seja uma etapa, como também a heterossexualidade. *(...) Tenho atração por homens e mulheres, (mas) nunca tive uma relação sexual com homens, mas apenas com mulheres.* (Garota, 17 a.). Igualmente, é possível que pessoas que se percebem lésbicas, gays, bissexuais tenham passado por uma fase na qual estabeleceram relações heterossexuais.

Contudo, no ambiente escolar, muitas vezes as circunstâncias sociais não lhes permite reconhecerem-se como não-heterossexuais

> *Fiquei com uma garota aqui na escola, mas não fico mais, pois tive medo de ser descoberta e que isso se esparramasse e contassem para minha família. A (garota) não estuda mais aqui [...] isso ajuda para esquecer um pouco e outra coisa que também ajuda é* ***evitar andar com essas meninas****. Conversei com uma colega e ela me aconselhou a esquecer e* ***tentar namorar com meninos*** *[...] Estou tentando (Garota, 17 a, grifos meus).*

Ambigüidades e dissimulações: a aceitação social das garotas condiciona-se ao "*namoro com meninos*". As regulamentações sociais estabelecem restrições, afirmando "quem se deve" aceitar como par, na experiência da sexualidade.

Para justificar afetos entre garotas, também concorre o discurso da "natureza feminina", reproduzido nos sentidos implícitos nos excertos a seguir:

> *as meninas quando estão juntas, acabam tendo uma* ***proximidade maior do toque físico****, as meninas andam de mãos dadas,* ***desde quando são pequenas*** *[...] os meninos não fazem isso pois são sempre mais abrutalhados [...]* ***a feminilidade é latente*** *até no homem quando tem* ***uma essência mais feminina .*** *(Especialista. grifos meus).*
>
> *Entre meninas é mais comum essa proximidade* (em decorrência de) *uma característica [...] acho que já nascemos assim [...] as meninas são mais*

ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

> *carinhosas entre si, e também fica mais fácil para ensinar a* ***serem doces e ternas*** *(Professora. grifos meus).*

Os comportamentos ditos femininos compõem a natureza e estão ocultos (latentes), "brotam" entre as garotas e as expressões de afeto estão reservadas apenas para estas, pois os meninos são naturalmente mais agressivos ("abrutalhados"). Meninas correspondem ao destino da natureza, são "*carinhosas entre si"* e assumirão posteriormente potencialidades culturais que lhes serão ensinadas tais como a "docilidade e ternura". Valoriza-se um processo de socialização que promove o desenvolvimento do comportamento (*para ensinar a serem doces e ternas*), mas, antes, é a natureza que determina uma divisão (entre os sexos) para aprendizagem dos aspectos sociais e culturais.

Preparar, garantir, conduzir a "essência feminina" com êxito, traduz vontades que proclamam preocupações e orientações específicas, voltadas para a vigilância das garotas. Se os afetos entre as mesmas são presumidamente dimensões visíveis da homossociabilidade, para aventar essa intimidade (ou proximidade), uma forma de garantir a norma é dessexualizar os afetos, "*então tem esse carinho, o toque entre as meninas, mas não significa que sejam homossexuais"***.** *(Especialista).*

Em uma cultura que naturaliza não só a heterossexualidade como também a violência homofóbica, o ato da desumanização do outro, através de palavras, gestos e condutas

> *(...) uma garota participava das atividades do laboratório de informática [...] essa garota tinha uma namorada aqui na escola.* **Elas namoravam dentro da escola [...] como os outros alunos.** *Os professores começavam a reclamar dizendo que ela não estava zelando pelo equipamento, [...],* **elas eram ditas de outro modo, perseguidas por todos os lados. Se ela estivesse** *no laboratório, e uma lata de lixo estivesse fora do lugar. É porque era ela que estava lá. Isso não causava tanto alarde se ocorresse com outra pessoa. Se fosse outra pessoa, era só a lata de lixo. (Especialista) (grifos meus)*

No relato abaixo, os efeitos da homofobia determinando lugares e posições para a vida de uma garota.

> *(...) quando as pessoas olhavam para mim com a expressão assim... nossa!... um olhar que vinha para mim [...] quando a pessoa está dizendo que não se conforma, daí fica com aquele jeito de ... nossa! Esse jeito do nossa eu percebo não apenas pelo tom de voz, também pelo olhar de quem fala, pelo gesto [...] Também parecia que tinha uma doença contagiosa, que não podia falar de muito perto que ou você vai agarrar a pessoa ou ela vai pegar essa doença. Era essa a reação que eu percebia*

> *pelo olhar diferente. Essa reação é algo parecido como nojo. Algo nojento é muito forte, não é? Embrulha o estômago (Garota,17a.)*

Reafirma-se, no campo da norma, o lugar dos sujeitos na posição de impensáveis, na ordem do precário e do desprezível. Assim, as garotas são "preparadas" para a heterossexualidade numa forma particular de violência simbólica disseminada no ambiente escolar. Em vários momentos, demonstrava-se, nas entrelinhas, uma aprendizagem cujo significado principal consistia na aceitação tácita das regras heteronormativas

> *quando vocês duas decidem dar um beijo na boca, vocês sabem que não vão mais passar pelo corredor, despercebidas, todas vocês serão apontadas, faladas. Então o que vocês querem (é) uma vida normal? Vocês querem chamar atenção, vocês querem viver o amor de vocês da forma que acham que devam? Essa atitude vai fazer com que fiquem procuradas aqui dentro. (Professora)*

A cumplicidade da escola para formar a todos e todas para serem heterossexuais explicita, sem titubear, que sofrerão a depreciação diante dos outros e "*serão apontadas e faladas*". Se não aprenderem a silenciar sobre si mesmas, a rejeitar e ignorar os próprios desejos – "*cada atitude que têm*" e "*aquilo que fazem*" – resta-lhes o estigma.[4]

Materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais, percebe-se os efeitos da heterossexualidade compulsória (RICH, 1986; BUTLER, 2003) ou da evidência heteronormativa (ERIBON, 2008). A homossexualidade é a marca para que fiquem "*procuradas"*.

Por isso, a "arte do disfarce" e do ocultamento se torna necessária, pois "*aquilo que fazem"* tem que ser escondido, não revelado. Regras que reproduzem e reforçam a homofobia, mantendo a discriminação em sua forma dissimulada, menos explícita, mas não menos presente e causando prejuízos. Nessa atmosfera hostil, as jovens seguem aprendendo, seja de maneira confusa ou ambígua que são "abjetas", designadas pelas expressões de nojo e rechaço.

O medo da injúria impede que tenham acesso às informações sobre si mesmas, à consciência de si mesmas, ou seja, impede de *dizerem-se*, numa alusão à expressão de Eribon (2008).

> *Tenho vergonha e ao mesmo tempo tenho vontade de conversar com as meninas na escola sobre aquilo que sinto. Mas acho que isso não é visto como algo normal[...] fica todo mundo espantado, fazendo caras e bocas. [...]é diferente com os meninos e as meninas [...]Eu fico na minha [...]às*

[4] De acordo com Erving Goffman (1978:15) o estigma é uma construção social cuja finalidade é expor a inferioridade dos indivíduos e o risco que apresentam, visto que opõe o estigmatizado aos considerados normais.

> *vezes disfarço um pouco [...] Quando a gente é tratada assim por alguém a gente sente no ar. É pior que bater. (Garota, 17 a.)*

Aquela que prefere se calar coloca-se numa situação falsa e, quase sempre, dependente. Como reflexo dessa desigualdade, a dissimetria está em ação

> *o único problema é que* ***até tinha certa amizade*** *[com as meninas lésbicas] mas quando eu conversava com elas ou quando [as]encontrava no corredor,* ***tinha medo, pensava que elas iam ficar me agarrando*** (Garota. 17 a. grifos meus)

Assim, a pessoa heterossexual sempre tem um privilégio sobre a homossexual. Sempre tem "um ponto de vista sobre o que deveriam fazer ou não fazer, ser ou não ser, dizer ou não dizer" (ERIBON, 2008: 74).

> *(É) um comportamento chocante um beijo entre as garotas [...] acho nojento, eu acho nojento, se forem dois homens se beijando, duas mulheres se beijando, eu acho nojento (Professor)*

Considera-se o preconceito em relação às homossexualidades "como algo que não seria contra a pessoa homossexual [...] mas com a postura [dessa pessoa]. (Professor)". Sutilezas do discurso. No ambiente escolar é possível "ser" homossexual, contanto que não se diga e que não se deixe supor que se tem a intenção de praticar atos homossexuais.

Contudo, quando o que se quer eliminar na escola é a possibilidade do "ato" homossexual e não a pessoa homossexual, há um nítido sinal de constrangimento e interdição, pois a identidade homossexual é "possível" contanto que fique no silêncio – excluída, pelo menos de modo fictício – da sexualidade. A estratégia de separar pessoas das suas posturas e comportamentos resulta em dizer que o controle da homossexualidade repousar sobre os silêncios impostos e sobre a dissimulação forçada

> que busca seu vetor, sobretudo no sentimento de culpa e de inferioridade que não pode deixar de ser produzido pela inscrição nas consciências individuais da clivagem entre o que se é e o que se pode fazer, entre o que se é e o que se pode dizer. (ERIBON, 2008:70).

Enfim, a **dissimulação e ocultação** tornavam-se fatores que marcavam o desrespeito a alguns direitos, como por exemplo, o da liberdade de expressão. Em meio à essa tensão, para que não "apareçam" e incomodem os olhos dos outros, a responsabilidade de "agir com discrição".

Considerações finais

A defesa e a introdução da temática em relação à diversidade sexual[5] nas políticas públicas de educação no Brasil têm despertado, sobretudo nas últimas décadas, significativo interesse, tanto da academia como da sociedade em geral, percorrendo os debates que buscam responder aos desafios para compreensão e análise sobre o tema. O debate provocou (e vem provocando) alterações no que é rotulado como conhecimento, valores e condutas aceitáveis no contexto de produção de políticas publicas na educação.

O projeto de lei do Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020, encaminhado ao Congresso Nacional em dezembro de 2010, apresenta dez diretrizes. Para pensar, planejar e organizar a educação (BRASIL, PNE/ Projeto de Lei, 2010), no referido documento consta a meta que propõe universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até 2020, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%, nesta faixa etária. Uma das estratégias para tal finalidade é “implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão”.

Assim, como parte integrante e constitutiva dessas políticas, a escola, enquanto instituição cultural, tem sido chamada a buscar o entendimento de tais questões e a apontar formas mais democráticas de convivência. Contudo, é importante também destacar que esse novo contexto tem sido ainda pouco estudado no que se refere à realidade escolar.

O trabalho de Zulmira Borges e Dagmar Meyer (2008) verifica os limites e as possibilidades de uma ação educativa – financiada pelo programa "Brasil Sem Homofobia", do Ministério da Saúde, e apoiada pelo Ministério da Educação – na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia e ressalta como um dos principais resultados

[5] A noção de diversidade sexual reporta-se, sobretudo, às temáticas relativas à população LGBT. No entanto, também é possível considerá-la como referência mais ampla às diversidades dissidentes, expressas em não-conformidade com as “normas de gênero” (BUTLER, 2003), aludindo a quem não se identifica com nenhuma orientação ou identidade, quem experimenta dúvidas, a pessoas transgêneros, queer, etc., ou seja, todas as pessoas que, a margem da reconhecida heterossexualidade, enriquecem a diversidade sexual, fundamental na sexualidade humana. Assim, distante de uma base essencialista e sem fomentar classificações, considera-se LGBT enquanto categoria política (PRADO E MACHADO, 2008), dotada de dinâmicas e tensões internas e externas, passível de constantes reconfigurações.

o recorrente "pânico moral" respaldado pela idéia de que abordar o tema da diversidade sexual sirva de estímulo e contagie uma sexualidade não normativa.[6]

Como se a diversidade sexual aparecesse de forma repentina na idade adulta, o sistema educativo brasileiro segue ignorando a existência das jovens e dos jovens LGBT, assim como aqueles e aquelas que, simplesmente, não sentem ou desejam como a maioria heterossexual. Nesse contexto, a urgência de se trabalhar as representações culturais que circulam na escola tem a ver com o reconhecimento de sua responsabilidade pela produção e reprodução de referências e conhecimentos que reiteram discursos que justificam as desigualdades, seja por meio de preconceito ou do silêncio.

Essas posturas acabam por não desconstruir práticas preconceituosas que se revelam no imaginário social e enquanto comportamentos que se manifestam nas unidades de ensino. Assim, a gestão das instituições educacionais e as relações escolares nelas constituídas ainda têm pela frente o desafio de garantir melhores condições de trabalho, de formação e de construção de valores voltados para a redução da homofobia, cujos vetores se afirmam no preconceito de gênero e na heteronormatividade.

Referências bibliográficas

BORGES, Zulmira N.; MEYER, Dagmar E. Limites e Possibilidades de uma Ação Educativa na Redução da Vulnerabilidade à Violência e à Homofobia. **Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 16, n. 58, jan/mar, 2008, pp. 59-76.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Bellaterra, 2001.

BRASIL.PNE/Projeto de Lei. In: http://portal.mec.gov.br/index. php?option= com_ content&view=article&id=16160. Acesso em 16/12/2010.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 21, n. 1, jan./jul. 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2003

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

---

[6] Ao término deste texto, vale lembrar que mesmo sem ser lançado oficialmente, um conjunto de material didático destinado a combater a homofobia na rede pública de ensino brasileiro, já sofre de "ataques raivosos" em debates. A esse respeito, um deputado federal pregou veemente discurso contrário à distribuição do material. Carregado de tintas homofóbicas e na esteira de flagrante ilustração de pânico moral, entre seus dizeres no plenário da Câmara, alegava tratar-se de estímulo "ao homossexualismo nas escolas de 1º. Grau".Ver: FARIA, Glauco e PIRES, Thalita. *Homofobia em preto e branco*. In: **Revista Fórum**, Ano 9, n.94, janeiro 2011.pp.6-12.

FARIA, Glauco e PIRES, Thalita. Homofobia em preto e branco. In: **Revista Fórum**, Ano 9, n.94, janeiro, 2011.pp. 6-12.

GOFFMAN, Erving**. Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria. (orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA; IMS/UERJ, 1996. pp. 136-145.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades:** a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

RICH, Adrienne. Heterosexualidad obligatoria y existencia lesbiana. In: *Sangre, pan y poesía: prosa escogida: 1979-1985.* Icaria: Barcelona, 1986. pp. 41-86.